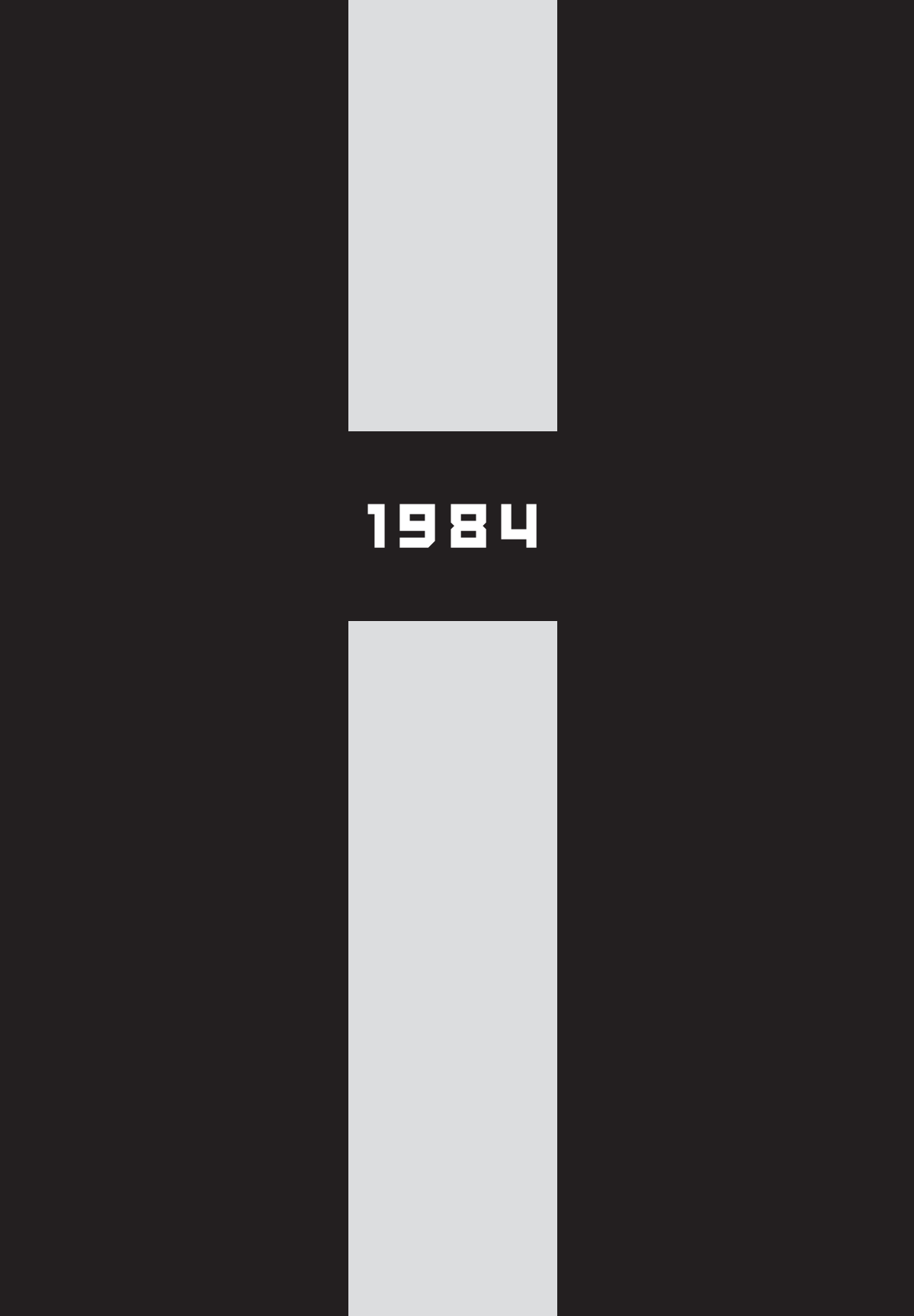


1984



GEORGE
ORWELL

Verissimo



1984

George Orwell

1984

TRADUÇÃO
RAFAEL ARRAIS

Veríssimo



APRESENTAÇÃO

Na Oceania, superestado que é uma das três potências mundiais e reúne as Américas, as ilhas do Atlântico – incluindo as britânicas, a Austrália e a parte sul da África, o Partido, sob o lema “Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força”, exerce o poder absoluto, sempre colocando o interesse próprio em primeiro lugar. Nada além do exercício do poder pelo poder, um poder cínico e cruel, que submete a sociedade a um regime de opressão tirânico, em que a mínima dissidência é severamente punida.

O Grande Irmão, líder carismático do Partido e autoridade suprema do Estado, cujo culto à personalidade é estimulado de todas as maneiras possíveis e imagináveis, é o senhor de tudo e de todos. Sua imagem está em toda parte, sobretudo nos cartazes que advertem que “O Grande Irmão está de olho em você”, mostrando um homem quarentão, bigodudo e de feições rudemente agradáveis, mas que ninguém nunca viu em pessoa.

Tal foi a força adquirida pelo termo “Grande Irmão”, que ele se infiltrou na cultura popular contemporânea e está presente com diferentes significados na música pop, no cinema, nos *reality shows*, nas histórias em quadrinhos, nos videogames e na indústria da propaganda. Além disso, a expressão se tornou sinônimo de abuso de poder por parte do Estado, sobretudo na repressão dos direitos e liberdades individuais por meio da invasão da privacidade, dos ataques hacker e da vigilância permanente.

Nessa polêmica e assustadora distopia orwelliana, publicada em 1949, a narrativa se desenrola no futuro, no ano de 1984. O mundo é constituído por três grandes potências – Oceania, Eurásia e Lestásia – que estão constantemente em guerra. Neste mundo, os cidadãos não têm direito a uma vida ou pensamento pessoal. O lazer e outras atividades são controlados por um sistema de costumes rígidos e o sexo é mantido apenas para fins de reprodução.

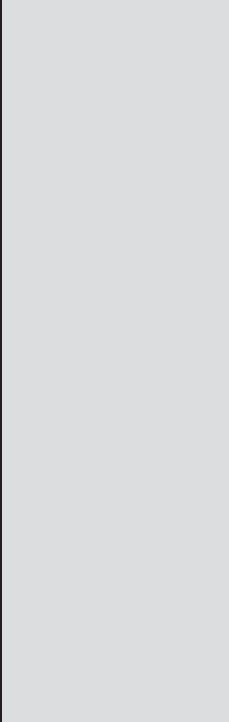
Em Londres, principal cidade da Pista Um, terceira província mais populosa da Oceania e anteriormente conhecida como Grã-Bretanha, Winston Smith é um funcionário do baixo escalão do Departamento de Registro do Ministério da Verdade, que exerce controle total sobre todos os meios de comunicação da Oceania. Ali, Winston trabalha adulterando os registros históricos para que melhor se adaptem à versão do Partido em relação ao passado. Como os acontecimentos do presente moldam constantemente a percepção do passado, a tarefa é interminável.

Porém, quando Winston se apaixona e se envolve amorosamente com Julia, uma colega de trabalho, dando início a um relacionamento proibido, já que o Partido desencoraja o prazer sexual, considerando-o uma transgressão inadmissível, ele se rebela contra o Estado totalitário em que vive, e ambos passam a correr grande perigo contra um poder capaz de controlar tudo, até mesmo o pensamento e a memória.

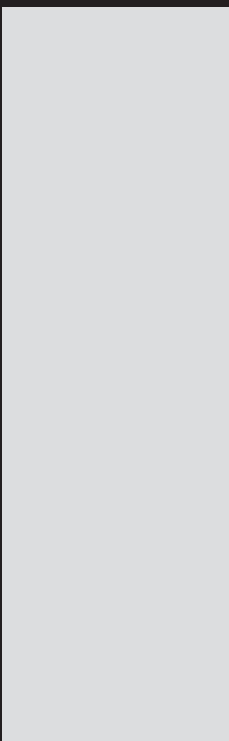
Em seu anseio pela verdade e pela liberdade para moldar o próprio futuro, Winston cria coragem para ingressar em uma organização revolucionária secreta, a Irmandade, arriscando a vida em uma luta contra a tirania e o *status quo*, apesar de saber que já é um “criminoso de pensamento” e que provavelmente mais cedo ou mais tarde será capturado pela Polícia do Pensamento e interrogado e torturado pelo Ministério do Amor.

De acordo com George Orwell, ele concebeu a obra como uma exposição das perversões que foram parcialmente levadas a cabo pelo comunismo, fascismo e nazismo. Além disso, escolheu a Grã-Bretanha como cenário da ação para enfatizar que o povo de língua inglesa não é melhor do que nenhum outro e que o totalitarismo, caso não seja combatido a tempo, é capaz de triunfar em qualquer lugar.

1984 está entre as obras de ficção distópica mais famosas e mais citadas da literatura. O livro foi traduzido em diversos idiomas e muito da sua terminologia e dos seus conceitos, como, por exemplo, “Grande Irmão”, “duplipensar”, “Novalíngua”, “Polícia do Pensamento” e “teletela”, deixaram uma marca profunda na linguagem de uso comum. Também popularizou o termo “orwelliano”, adjetivo que passou a ser muito utilizado em discussões relativas a questões de privacidade ou de segurança do Estado.



PARTE 1



Era um dia gelado e ensolarado de abril, e os relógios batiam treze horas. Winston Smith, com o queixo colado no peito numa tentativa de se proteger do vento impiedoso, passou depressa pelas portas de vidro do Mansões Vitória, mas não rápido o suficiente para evitar que uma lufada de poeira o acompanhasse.

O cheiro do saguão de entrada lembrava repolho cozido e aqueles velhos capachos de pano trançado. Na parede oposta à entrada foi colocado um pôster colorido, na realidade grande demais para aquele ambiente fechado, que mostrava tão somente um imenso rosto, de mais de um metro de largura: era de um homem de cerca de quarenta e cinco anos, com um bigode preto grosso e traços um tanto rústicos, embora atraentes.

Winston se dirigiu à escada. Era inútil tentar o elevador. Mesmo na época das vacas gordas, ele raramente funcionava, e agora a eletricidade era racionada ao longo do dia. Fazia parte da campanha de economia, que antecedia a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar; e Winston, que já tinha os seus trinta e nove anos e uma úlcera varicosa logo acima do tornozelo direito, subiu devagar, parando diversas vezes para descansar ao longo do trajeto. Em cada andar, diante da porta do elevador, o cartaz com o rosto enorme o observava da parede. Era uma dessas figuras ilustradas de modo a que os seus olhos nos acompanhem por toda parte. O GRANDE IRMÃO ESTÁ OBSERVANDO VOCÊ, dizia a legenda.

Dentro do apartamento, uma voz adocicada lia uma lista de cifras que de alguma forma estavam relacionadas com a produção de ferro-gusa. A voz surgia de uma placa metálica retangular parecida com um espelho fosco, que se encontrava embutida na superfície da parede direita. Winston girou um botão e o volume diminuiu um pouco, embora as palavras ainda fossem audíveis. O aparelho (conhecido como teletela) podia ter o seu volume reduzido, mas era impossível desligá-lo completamente.

Winston se aproximou da janela: a magreza da sua figura pequenina, frágil, era até mesmo realçada pelo uniforme do Partido, um macacão azul. O seu cabelo era bem loiro, o rosto, naturalmente rubro, e a pele, maltratada pelo sabão ordinário, as giletes cegas e o frio do inverno, que mal havia passado.

Lá fora, mesmo observado através da vidraça fechada, o mundo parecia gelado. Na rua, pequenos redemoinhos de vento faziam flutuar e girar em pequenas espirais a poeira e o papel picado, e embora o sol cintilasse e o céu fosse preenchido de um azul berrante, parecia não haver cor em coisa alguma, exceto nos cartazes colados por toda parte. A figura bigoduda seguia observando de cada canto do cenário. Já na fachada da casa do outro lado da rua via-se mais um deles. O GRANDE IRMÃO ESTÁ OBSERVANDO VOCÊ, dizia o letreiro, e os seus olhos escuros pareciam buscar os de Winston. Ao nível da rua havia outro cartaz, com uma das pontas rasgada tremulando com o vento, ora cobrindo, ora descobrindo a palavra INGSOC. Ao longe, desceu um helicóptero dando rasante nos telhados; ele pairou no ar por alguns momentos, tal qual uma libélula, e depois se afastou num voo em curva. Era a patrulha da polícia, espionando as janelas das pessoas. As patrulhas, no entanto, não eram um problema. O único problema era a Polícia do Pensamento.

Por trás de Winston, a voz da teletela ainda tagarelava sobre o ferro-gusa e o total cumprimento das metas do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho ou ruído que Winston fizesse que fosse mais alto do que um sussurro seria captado pelo aparelho; além disso, enquanto estivesse dentro do campo de visão da placa metálica, também poderia ser observado. Claro que não era possível determinar se, num dado momento qualquer, alguém vigiava do outro lado. Era impossível saber com que frequência a Polícia do Pensamento bisbilhotava a casa deste ou daquele indivíduo. Na verdade, era concebível que ela observasse todos ao mesmo tempo. O fato era que poderia se conectar a determinado aparelho no momento que desejasse. Assim, era necessário viver — por conta do

hábito transformado em instinto — supondo que cada som seria ouvido, e cada movimento, examinado, ao menos se a escuridão não fosse completa.

Winston mantinha as costas voltadas para a teletela. Era mais seguro, muito embora soubesse que em certos casos até mesmo as costas de uma pessoa poderiam ser reveladoras. A um quilômetro dali, o Ministério da Verdade, onde ele trabalhava, erguia-se branco e imenso sobre a paisagem acinzentada de poeira. Era isso, pensou com certa repugnância — isso era Londres, a principal cidade da Pista Um, que por sua vez era a terceira província mais populosa da Oceania. Ele tentou localizar na memória uma recordação infantil que pudesse lhe dizer se Londres sempre tivera aquele aspecto. Aquelas casas apodrecidas do século XIX, com as paredes laterais escoradas com vigas de madeira, as janelas remendadas com cartolina, os telhados com chapas de ferro enrugado e os jardins com muros em ruínas, acaso sempre estiveram lá? E as crateras deixadas pelos bombardeios, onde o pó de gesso dançava pelo ar e o mato crescia se espalhando pelos montes de escombros? E os locais onde as bombas abriram clareiras ainda maiores, de onde brotaram sórdidas colônias de cabanas de madeira, que se assemelhavam a galinheiros? Mas era tudo inútil, ele já não conseguia mais lembrar: nada restava da sua infância, exceto uma série de quadros muito iluminados que se sucediam sem paisagem ao fundo, e eram quase sempre incompreensíveis.

O Ministério da Verdade — ou Miniver, em Novalíngua — era totalmente diferente de qualquer outro objeto na paisagem. Tratava-se de uma imensa pirâmide de concreto branco cintilante, que se erguia, terraço sobre terraço, até uma altura de trezentos metros. Mesmo de onde estava, Winston conseguia ler, em letras estilizadas encravadas na fachada, os três lemas do Partido:

**GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA**

Diziam que o Ministério da Verdade continha três mil salas acima do nível do solo, e ramificações similares no subsolo. Espalhados por Londres havia mais três construções de tamanho e *design* semelhantes. Elas dominavam de tal forma a arquitetura no seu entorno que do telhado do Mansões Vitória era possível ver todas as quatro ao mesmo tempo. Elas formavam as sedes dos quatro ministérios que dividiam entre si todas as funções governamentais: o Ministério da Verdade, que cuidava das notícias, do entretenimento, da educação e das artes; o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, responsável pela manutenção da lei e da ordem; e o Ministério da Fatura, que tocava as questões econômicas. Seus nomes, em Novalíngua: Miniver, Minipaz, Miniamor e Minifar.

O Ministério do Amor era verdadeiramente aterrorizante. O edifício inteiro não tinha uma janela sequer. Winston nunca estivera por lá; de fato, jamais se aproximara nem a meio quilômetro de distância. Em todo caso, era impossível adentrar o prédio sem uma justificativa oficial — e ainda assim atravessando um labirinto de rolos de arame farpado, portas de aço e ninhos ocultos de metralhadora. Até mesmo as ruas que levavam às suas barreiras externas eram patrulhadas por guardas com cara de gorila, vestindo fardas pretas e empunhando cassetetes articulados.

Winston se voltou abruptamente. Havia fixado no rosto a expressão de otimismo tranquilo que era aconselhável usar sempre que se fosse encarar a teletela. Atravessou a sala e adentrou a cozinha minúscula. Como saíra do Ministério naquela hora, perdera o almoço na cantina, e sabia não ter em casa mais comida do que um naco de pão escuro, que seria a sua refeição na manhã seguinte. Retirou da prateleira uma garrafa de líquido incolor com um rótulo branco onde se lia “Gim Vitória”, que exalava um cheiro oleoso e enjoativo, como aguardente de arroz chinês. Winston serviu quase uma xícara de chá, se preparou para o baque e engoliu tudo de uma vez, como se fosse um remédio.

Imediatamente, o seu rosto ficou rubro, e os seus olhos começaram a lacrimejar. A bebida lembrava ácido nítrico puro, e ao entorná-la goela abaixo, tinha-se a nítida impressão de ter levado um golpe de cassetete na nuca. No instante seguinte, entretanto, a ardência na barriga amainou, e o mundo começou a parecer mais agradável. Winston retirou um cigarro do maço de Cigarros Vitória e, por descuido, o manteve na vertical, o que fez com que o fumo todo caísse no chão. Voltou a puxar mais um cigarro, desta vez com mais cuidado. Retornou à sala de estar e se acomodou numa cadeira junto a uma mesinha que ficava à esquerda da teletela. Da sua gaveta, tirou uma caneta, um tinteiro e um caderno grosso, de lombada vermelha e capa cartonada, ainda inteiramente em branco.

Por algum motivo, a teletela da sala tinha sido colocada em uma posição incomum. Em vez de ser acoplada, como era normal, na parede de fundo, de onde poderia visualizar toda a sala, estava instalada na parede mais longa, oposta à janela. Em um dos seus lados havia uma pequena reentrância, onde Winston se encontrava sentado — e que, na planta do edifício, provavelmente fora destinada a abrigar uma estante de livros. Estando nesse espaço, e se mantendo bem junto à parede, Winston conseguia ficar fora do alcance da teletela, pelo menos no que se referia à visão. Ele ainda podia ser ouvido, é lógico, mas contanto que permanecesse exatamente naquela posição, não podia ser visto.

De certa forma, foi a planta pouco usual do apartamento que lhe deu a ideia de fazer o que estava por fazer. Mas o caderno que acabara de tirar da gaveta da mesinha também o estimulou. Era um encadernado lindo; com papel macio, cor de creme, levemente amarelado pelo tempo — o tipo de coisa que já não se fabricava fazia pelo menos quarenta anos. Assim, dava para imaginar que o caderno devia ser ainda bem mais antigo. Ele o vira na vitrine de uma lojinha de bugigangas caindo aos pedaços num dos bairros pobres da cidade (já não lembrava qual). Assim que o viu, Winston foi de imediato tomado por um desejo avassalador de possuí-lo. Supostamente os membros do Partido não deveriam entrar em lojas comuns (“dedicadas ao livre comércio”, como era dito), mas o regulamento não era obedecido à risca, uma vez que havia diversas coisas, como cadarços de sapato e giletes de barbear, que não se podia adquirir de outra forma. Então, depois de olhar brevemente para os dois lados da rua, Winston adentrara a loja e comprara o caderno por dois dólares e meio. Na ocasião, de fato não tinha para ele nenhum propósito definido. Sorrateiramente, levava-o para casa escondido na pasta. No entanto, mesmo estando inteiramente em branco, a mera posse daquele caderno era algo comprometedor.

Bem, o que ele estava prestes a fazer era iniciar um diário. Não que se tratasse de um ato ilegal (nada mais era ilegal, uma vez que não havia mais leis); no entanto, acaso fosse descoberto, era quase certo que seria punido com a pena de morte, ou no mínimo uns vinte e cinco anos de prisão em algum campo de trabalhos forçados. Winston meteu a pena na caneta e chupou-a para se livrar da graxa. A pena era um instrumento arcaico, raramente usado, mesmo para assinaturas. Ele a obtivera, furtivamente e com alguma dificuldade, só por sentir que aquele belo papel creme merecia palavras escritas por uma pena de verdade, em vez de ser rabiscado por algum lápis ou caneta-tinteiro. Na realidade, Winston não estava habituado a escrever à mão. Exceto por recados bem curtos, o usual era ditar tudo ao falaescreve — o que, naturalmente, não poderia servir para o caso.

Winston mergulhou a pena na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor lhe acometeu as entranhas. Marcar aquele papel era um ato decisivo. Com letras pequeninas e desajeitadas, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se novamente no espaldar. Caíra sobre ele uma sensação de completo desespero. Para começar, não fazia ideia se aquele era de fato o ano de 1984. Devia ser mais ou menos isso, pois tinha a convicção de ter os seus trinta e nove anos, e acreditava ter nascido em 1944

ou 1945; àquela altura, no entanto, nunca se podia precisar uma data sem uma margem de erro de um ou dois anos.

De repente surgiu-lhe uma pergunta: para quem estaria escrevendo aquele diário? Decerto para o futuro, para os que ainda não tinham nascido. A sua mente pairou por instantes sobre aquela data duvidosa que escrevera, e então se chocou com um termo em Novalíngua: *duplipensar*. Pela primeira vez ele percebeu toda a magnitude do que estava tentando empreender. Como seria possível comunicar-se com o futuro? Era algo impossível por natureza. Ou o futuro seria semelhante ao presente, e não daria ouvidos ao que ele tinha a dizer, ou seria bem diverso, e nesse caso aquela sua iniciativa não faria o menor sentido.

Por algum tempo, permaneceu ali, encarando estupidamente o papel. A teletela passara a tocar uma música militar um tanto estridente. O curioso era que ele aparentemente havia perdido não apenas o poder de se expressar como esquecido o que exatamente pretendia dizer. Winston já vinha se preparando para aquele momento fazia semanas, e nunca lhe passara pela cabeça que seria preciso mais do que mera coragem para prosseguir. Escrever deveria ser fácil. Tudo o que tinha de fazer era transferir para o papel o monólogo irrequieto e interminável que se desenrolava na sua cabeça fazia anos. Naquele momento, todavia, até mesmo o monólogo fora interrompido. Além disso, a sua úlcera varicosa começava a dar comichão, o que era uma coisa torturante. E ele não tinha coragem de coçar, pois isso sempre causava inflamações.

Os segundos corriam. Winston não tinha consciência de nada além da página vazia à sua frente, a coceira acima do tornozelo, a música alta e uma leve tontura causada pelo gim.

De repente, por puro pânico, ele se pôs a escrever, mal se dando conta do que ia anotando. A letra pequenina e infantil traçou linhas tortas pelo papel, abandonando primeiro as maiúsculas, e eventualmente até mesmo a pontuação:

4 de abril de 1984. Ontem à noite um cinema. Só filmes de guerra. Um muito bom de um navio lotado de refugiados bombardeado nalgum ponto do Mediterrâneo. Público dando risada dos tiros disparados de um helicóptero contra um gordão que tentava fugir nadando, primeiro ele aparecia subindo e descendo na água que nem golfinho, depois ele ficou todo esburacado e o mar em volta rosado e de repente ele afundou como se a água tivesse entrado pelos furos, público gargalhando quando ele afundou. depois surgiu um bote salva-vidas cheio de crianças com um helicóptero por cima. havia uma mulher de meia-idade talvez judia sentada na proa com um garotinho de três anos no colo. garotinho berrando de medo e escondendo a cabeça nos seios dela como que querendo se proteger e a mulher o envolvendo com os braços e consolando apesar de também estar morrendo de medo, todo o tempo o abraçando com toda a força como se os braços pudessem protegê-lo das balas. daí o helicóptero lançou uma bomba de vinte quilos em cima deles um clarão espetacular e o bote virou poeira. daí uma bela cena de um braço de criancinha subindo subindo subindo um helicóptero com a câmera no nariz deve ter acompanhado o braço subindo e muita gente nos lugares do partido aplaudiu à beça mas uma mulher nos lugares dos proletas de repente fez um barraco e começou a gritar que não deviam mostrar aquele filme pras crianças não é certo na frente delas não tinham direito disso e tal e tal até que a polícia a botou pra fora acho que não aconteceu nada com ela ninguém dá mínima bola para o que os proletas dizem reação típica deles eles nunca...

Winston parou de escrever, em parte porque sentia câibras na mão. Não sabia o que o levara a derramar no papel aquela torrente de imbecilidades. O curioso, no entanto, foi que ao fazê-lo uma lembrança inteiramente diversa se definiu na sua memória, ao ponto de ele se sentir quase capaz de narrá-la. Agora Winston compreendia que fora por conta de outro incidente que ele tomara a decisão repentina de se dirigir para casa e iniciar o diário naquele dia.

Ocorrera naquela manhã, no Ministério. Se é que era possível afirmar que algo tão nebuloso fosse, de fato, uma ocorrência.

Eram quase onze da manhã, e no Departamento de Registro, onde Winston trabalhava, já arrastavam as cadeiras para fora dos cubículos de trabalho e as reuniam no centro do salão, diante de uma imensa teletela, nos preparativos para os Dois Minutos de Ódio. Winston estava se sentando numa das fileiras do meio quando de repente adentraram o salão duas pessoas que ele conhecia de vista, mas com quem nunca havia trocado sequer uma palavra. Uma delas era uma garota com quem cruzara inúmeras vezes pelos corredores. Ele desconhecia o seu nome, mas sabia que trabalhava no Departamento de Ficção. Winston supunha — pois a vira algumas vezes com as mãos sujas de óleo, carregando uma chave inglesa — que ela fosse a mecânica de uma das máquinas de novelização. Devia ter seus vinte e sete anos, com uma aparência audaciosa, o cabelo negro e espesso, o rosto sardento, e movimentos rápidos e atléticos. Uma faixa fininha, de cor escarlate, que era o emblema da Liga Juvenil Antissexo, dava diversas voltas na sua cintura; o suficiente para destacar as belas curvas dos seus quadris. Winston antipatizava com ela desde a primeira vez que a vira. E sabia por quê. Era por conta da atmosfera de campos de hóquei, banhos frios, passeios comunitários e mente pura que, por alguma razão, impregnava a sua figura.

Ele antipatizava com quase todas as mulheres, sobretudo as jovens e belas. Eram sempre as mulheres, em especial as jovens, as militantes mais fervorosas do Partido: as devoradoras de palavras de ordem, as espãs amadoras e as que mais espreitavam os desvios alheios. Essa jovem lhe dava a nítida impressão de ser mais perigosa do que a maioria. Numa das vezes em que se cruzaram pelo corredor, ela lhe lançou um súbito olhar enviesado que pareceu penetrá-lo até o seu íntimo e, por um instante, o encheu de pavor. Até lhe ocorreu que ela poderia ser da Polícia do Pensamento. Mas isso, na realidade, era bastante improvável. No entanto, ele continuava sentindo um estranho desconforto, um misto de medo e hostilidade, sempre que ela passava por perto.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, membro do Partido Interno, que ocupava uma posição tão importante e remota que Winston só tinha uma vaga ideia do seu trabalho. Por um momento, ao observarem o macacão preto de um membro do Partido Interno se aproximar, as pessoas em torno das cadeiras ficaram em silêncio. O'Brien era um homem grande, corpulento, de pescoço largo e rosto grosseiro, brutal — até mesmo engraçado. Apesar da sua aparência assustadora, o seu comportamento era algo sedutor. O seu tique de ficar ajustando os óculos no nariz, um gesto curioso, acabava por desarmar os outros e, de um modo impossível de definir, passava um ar de civilidade. Era um tique que, caso ainda fosse possível alguém imaginar tal tempo, poderia lembrar um nobre inglês do século XVIII oferecendo a sua caixa de rapé. Winston vira O'Brien uma meia dúzia de vezes ao longo de igual número de anos. Ele se sentia profundamente atraído por ele, não somente por se intrigar com o contraste entre a sua civilidade e o seu físico de pugilista — era bem mais por conta de uma crença secreta, ou mera esperança, talvez, de que a ortodoxia política de O'Brien não fosse perfeita. Havia na sua fisionomia alguma coisa qualquer que passava tal impressão. Ou quem sabe não fosse falta de ortodoxia o que estava escrito no seu rosto, mas apenas inteligência. Em todo caso, ele parecia ser uma pessoa com a qual se poderia dialogar a sós, se fosse possível que ambos ficassem fora do alcance das teletelas. Na verdade, Winston jamais moveu um dedo para tirar aquela dúvida a limpo, pois realmente não havia como fazê-lo.

Naquele instante, O'Brien olhou para o seu relógio de pulso, constatou que eram quase onze horas e naturalmente decidiu permanecer no Departamento de Registro até acabarem os Dois Minutos de Ódio. Ele ocupou uma cadeira na mesma fila de Winston, a dois lugares de distância. Entre os dois estava acomodada uma mulher franzina, ruiva, que trabalhava no cubículo vizinho ao de Winston. A garota de cabelo escuro sentou-se bem atrás.

Logo após, um guincho horrendo e estridente, como de uma monstruosa máquina rodando sem óleo nas engrenagens, emergiu da grande teletela no fundo da sala. Era um ruído que fazia ranger os dentes, e arrepiava os pelos da nuca. O Ódio havia começado.

Como era usual, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, surgiu na tela. Aqui e ali ouviram-se protestos na plateia. A mulher ruiva e franzina urrou com um misto de medo e repugnância. Goldstein era o traidor renegado que um dia, muitos anos atrás (exatamente quantos

ninguém mais era capaz de lembrar), fora uma das figuras proeminentes do Partido, quase tão importante quanto o próprio Grande Irmão, e que depois acabou se envolvendo com atividades contrarrevolucionárias. Por conta disso, ele acabou condenado à morte, e em seguida fugiu e sumiu completamente do mapa. A programação dos Dois Minutos de Ódio mudava todos os dias; porém, sem que Goldstein deixasse de ser o seu personagem principal. Afinal, ele era o traidor original, o primeiro a macular a pureza do Partido. Todos os crimes contra o Partido que se seguiram ao dele — todos os desvios, traições, atos de sabotagem e heresias — eram o resultado direto dos seus ensinamentos. Ele por certo continuava vivo em alguma parte do mundo, tramando as suas conspirações: talvez do outro lado do mar, sob a proteção dos seus benfeitores estrangeiros; ou até mesmo — era o boato que por vezes corria — nalgum esconderijo dentro das fronteiras da própria Oceania.

Winston sentiu seu diafragma se contraindo. Nunca conseguia encarar Goldstein sem ser invadido por um doloroso misto de emoções. Era um rosto judaico, magro, com um halo de cabelo branco e um pequeno cavanhaque — um rosto com ar de inteligência e, por alguma razão, intrinsecamente desprezível, que denunciava uma espécie de tolice senil no longo nariz afilado, no qual se equilibrava um par de óculos. A sua face lembrava uma ovelha, e mesmo a sua voz remetia a um balido. Goldstein lançava o mesmo discurso peçonhento de sempre contra as doutrinas do Partido — um ataque tão desmedido e perverso que mesmo uma criança seria capaz de refutá-lo, e mesmo assim suficientemente plausível para deixar o cidadão alarmado, pelo receio de que outras pessoas menos equilibradas ainda pudessem ser ludibriadas pelo que era dito.

Goldstein atacava o Grande Irmão, denunciava a ditadura do Partido, exigia um acordo de paz imediato com a Eurásia, defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião e a liberdade de pensamento. Ele gritava de forma histérica que a revolução havia sido traída — e tudo isso numa linguagem rápida, polissilábica, que era uma espécie de paródia do estilo usual dos oradores do Partido, inclusive se valendo de algumas palavras em Novalíngua: ainda assim, mais palavras em Novalíngua do que qualquer membro do Partido costumava usar na vida real. E durante todo o discurso, para que não persistissem dúvidas quanto à realidade encoberta pela lenga-lenga enganadora de Goldstein, marchavam por trás da sua figura, na teletela, intermináveis colunas do exército eurasiático — fileiras e mais fileiras de homens de aspecto sólido e fisionomias asiáticas, sem expressão, que vinham até a superfície da tela e sumiam, seguidos por mais uma fileira de soldados idênticos. O ritmo monótono das botas dos soldados servia como pano de fundo sonoro para os balidos histéricos de Goldstein.

Antes de a transmissão do Ódio ter chegado a trinta segundos, metade da plateia já soltava incontrolláveis exclamações de fúria. Era intolerável assistir àquele rosto ovino cheio de arrogância discursando na tela, seguido logo atrás pelo desfile aterrador do exército eurasiático. Além disso, ver ou mesmo pensar em Goldstein produzia imediatamente medo e raiva. Ele era, dessa forma, um objeto de ódio mais constante do que a Eurásia ou a Lestásia, uma vez que quando a Oceania se encontrava em guerra com uma dessas potências, invariavelmente estava em paz com a outra. Todavia, o estranho era que, muito embora Goldstein fosse odiado e desprezado por todo o mundo, e muito embora todos os dias, milhares de vezes ao dia, as suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas e comparadas ao lixo, nas tribunas, nas teletelas, nos jornais e nos livros, muito embora tudo isso se passasse fazia anos, a sua influência nunca parecia estar diminuindo. Sempre havia novos imbecis à espera de serem ludibriados. Não se passava um único dia sem que espíões e sabotadores, obedientes a ele, fossem desmascarados pela Polícia do Pensamento. Ele era o comandante de um imenso exército de sombras, de uma rede subterrânea de conspiradores dedicados à derrubada do Estado. A Irmandade, era como eles supostamente se denominavam. Também circulavam rumores acerca de um terrível livro, uma espécie de compêndio de todas as heresias, de autoria do próprio Goldstein, que circulava de forma clandestina cá e acolá. Era um livro sem título. Quando alguém precisava se referir a ele, chamava-o simplesmente de O Livro. Mas só era possível tomar conhecimento de tais coisas por via de boatos um tanto vagos. Nem a Irmandade, nem O Livro eram temas usuais das conversas de um membro ordinário do Partido.

No segundo minuto de transmissão, o Ódio alcançou um frenesi. A plateia pulava nas cadeiras, berrando a plenos pulmões, na tentativa de abafar a voz alucinante que emergia da tela. A mulher franzina e ruiva ficou toda rosada, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água. Até o rosto severo de O'Brien ficou corado. Ele estava demasiadamente ereto em sua cadeira; o seu peito largo estufava e estremecia como se estivesse sendo atingido por uma onda. A garota de cabelo preto sentada atrás de Winston começou a berrar "Porco! Porco! Porco!", e de repente pegou um pesado *Dicionário de Novalíngua* e o atirou contra a tela. O exemplar atingiu o nariz de Goldstein e caiu no chão; a sua voz, no entanto, prosseguia, inexorável. Num momento de lucidez, Winston se deu conta de que também gritava como os outros, e batia os pés violentamente contra a trave da sua cadeira.

O mais horrível dos Dois Minutos de Ódio era que, embora ninguém estivesse obrigado a participar, era praticamente impossível se manter de fora daquele frenesi. Em trinta segundos já não era mais necessário fingir nada. Um terrível êxtase de medo e sentimento de vingança, um desejo de matar e torturar, de afundar rostos alheios com uma marreta, tudo isso parecia circular a plateia toda, tal qual uma corrente elétrica, transformando a todos, mesmo contra a sua vontade, em lunáticos a uivar, com as faces deformadas pela fúria. E, ainda assim, a fúria que as pessoas sentiam era uma emoção abstrata, sem direção, que poderia passar de um alvo ao outro como a chama de um maçarico. Dessa forma, havia momentos em que a raiva de Winston não se direcionava mais contra Goldstein, mas sim contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e em tais momentos o seu coração se solidarizava com aquele herege solitário e ridicularizado na tela, como se ele fosse o único guardião da verdade e da sanidade num mundo de mentiras. Porém, já no instante seguinte ele se juntava novamente àqueles à sua volta, de modo que tudo o que diziam sobre Goldstein já lhe parecia outra vez a verdade. Nessas horas, o seu ódio oculto contra o Grande Irmão se metamorfoseava em adoração, e o Grande Irmão parecia ainda maior, um guardião destemido e invencível, uma rocha firme colocada entre eles e as hordas da Ásia; e Goldstein, apesar do seu isolamento, da sua vulnerabilidade e da própria dúvida acerca da sua existência, se transformava num mago sinistro, capaz de esfacular os alicerces da civilização pelo mero poder da sua voz.

Em tais momentos era até possível direcionar o ódio neste ou naquele rumo, como um ato voluntário. Então, de repente, graças a um violento esforço como aquele em que, num pesadelo, se arranca a cabeça do travesseiro, Winston conseguiu redirecionar todo o ódio que sentia pela figura na teletela para a garota de cabelo escuro sentada logo atrás. Assim, alucinações belas e vívidas passaram pela sua mente. Haveria de assassiná-la a golpes de cassete de borracha. Haveria de amarrá-la inteiramente nua a um poste, e depois a crivaria de flechas, como São Sebastião. Haveria de estuprá-la e a degolaria bem no momento do gozo. Ademais, agora lhe parecia um tanto mais claro do que antes *por que* ele a odiava. Ele a odiava porque ela era jovem, bela e assexuada, porque queria ir para a cama com ela e jamais o faria, porque ao redor da sua adorável cintura tão maleável, que parecia pedir que a envolvessem com o braço, havia tão somente aquela odiosa faixa escarlate, um símbolo agressivo de castidade.

O Ódio alcançou o seu clímax. A voz de Goldstein se transformara de fato num balido de ovelha, e por um instante até mesmo o seu rosto se metamorfoseou num semblante de carneiro. Depois, o semblante de carneiro se dissolveu e deu lugar ao rosto de um soldado eurasiano que parecia avançar contra a plateia, terrível e imenso, com a sua metralhadora de mão rugindo — era como se ele estivesse por saltar da tela, e tudo era tão real que alguns dos que se achavam na primeira fileira se inclinaram para trás nos seus assentos. No entanto, de repente, a figura ameaçadora se transformou no rosto do Grande Irmão, com o seu cabelo e bigode pretos, cheio de força e de misteriosa tranquilidade, uma face tão gigantesca que preenchia a teletela por inteiro. Ninguém realmente escutava o que o Grande Irmão dizia. Eram apenas algumas palavras de estímulo, o tipo de coisa que se diz no fragor da batalha, impossíveis de se distinguir isoladamente, mas que restauram a confiança pelo mero fato de serem pronunciadas. Foi quando o rosto do Grande Irmão tornou a sumir, e no seu lugar surgiram os três lemas do Partido, em letras garrafais:

GUERRA É PAZ LIBERDADE É ESCRAVIDÃO IGNORÂNCIA É FORÇA

Entretanto, a face do Grande Irmão pareceu persistir na tela por vários segundos, como se o seu impacto nas retinas dos presentes na plateia fosse forte demais para desvanecer tão rápido. A mulher franzina e ruiva se jogara à frente, apoiando-se no encosto da cadeira que estava diante de si. Com um sussurro vacilante, que parecia querer dizer “Meu Salvador!”, ela estendeu os braços para a teletela. Logo após, escondeu o rosto entre as mãos. Era visível que estava fazendo uma oração.

Nesse instante, toda a plateia ali presente irrompeu num canto grave, lento e ritmado, onde “G. I!... G. I!... G. I!...” era repetido inúmeras vezes, com uma longa pausa entre o “G” e o “I” — um som sussurrante que afetava os ouvidos, por vezes curiosamente selvagem, no qual ao fundo talvez pudessem se escutar batidas de pés descalços e um rufo de atabaques. Aquilo durou em torno de trinta segundos. Era na realidade um refrão que se ouvia com certa frequência nos momentos de emoção avassaladora. Em parte, era uma espécie de hino à sabedoria e à majestade do Grande Irmão; porém, mais que isso até, era um ato de auto-hipnose, um embotamento voluntário da consciência por meio do ritmo das vozes e dos instrumentos. Winston sentiu como se estivesse congelando por dentro. Durante os Dois Minutos de Ódio, ele simplesmente não conseguia evitar se juntar àquele delírio coletivo, mas mesmo assim aquele cântico sub-humano de “G. I!... G. I!...” sempre o deixava apavorado. Claro que ele o cantava junto com os demais: seria impossível se portar de outra forma. Dissimular os sentimentos, controlar a expressão facial, fazer o mesmo que os outros fazem: tudo era uma reação instintiva. Mas ocorreu um hiato de dois segundos durante o qual a expressão dos seus olhos talvez o tivesse traído. E foi exatamente em tal lapso que a coisa aconteceu — se é que de fato aconteceu.

Por um breve momento, os seus olhos se cruzaram com os de O’Brien, que se erguera do assento. Ele havia tirado os óculos e estava prestes a recolocá-los no rosto, o que era um gesto característico seu. Mas houve uma fração de segundo em que os seus olhares se entrecruzaram, e enquanto isso durou Winston soube — sim, *soube!* — que O’Brien pensava o mesmo que ele. Uma comunicação inequívoca se dera entre os dois. Era como se ambas as mentes tivessem se aberto, e os seus pensamentos, fluído de uma para a outra através dos olhos. “Estou contigo”, O’Brien pareceu dizer. “Sei precisamente o que está sentindo. Sei de todo o seu desprezo, seu ódio, seu nojo. Mas não se preocupe, estou ao seu lado!” Em seguida, aquele flash de empatia se dissipou por completo, e o rosto de O’Brien logo voltou a ser tão impenetrável quanto o de qualquer outro alguém ali presente.

Isso foi tudo, mas Winston já nem tinha certeza de que aquilo realmente acontecera. Em todo caso, tais incidentes jamais deixavam sequelas. Tudo o que faziam era manter viva, dentro de Winston, a fé ou a esperança de que além dele existiam outros inimigos do Partido. Quem sabe fossem verdadeiros os rumores acerca da existência de vastas conspirações subterrâneas — a própria Irmandade talvez fosse real! Afinal, era impossível — a despeito das incontáveis prisões, confissões e execuções — ter certeza absoluta de que a Irmandade não passava de mera invenção. Alguns dias ele acreditava na sua existência, noutros não. Não havia nenhuma prova cabal, apenas visões fugidias que podiam significar algo ou nada: trechos de conversas ouvidas de forma difusa, alguns rabiscos mal apagados nas paredes das cabines dos banheiros, coisas assim. Uma vez, inclusive, ao presenciar o encontro de dois estranhos, ele viu um pequeno movimento de mãos que talvez pudesse ser um sinal de reconhecimento. Mas era tudo palpíte: era muito provável até que tivesse imaginado a coisa toda.

Winston retornou ao seu cubículo de trabalho sem voltar a olhar na direção de O’Brien. A ideia de levar adiante aquele contato momentâneo nem lhe passava pela cabeça. Ainda que soubesse como proceder, seria algo incomensuravelmente perigoso. Durante um segundo, quem sabe dois, eles haviam trocado um olhar ambíguo, e só. Mas até mesmo aquilo era um acontecimento memorável naquela solidão cerrada em que eles eram obrigados a viver.

Winston voltou ao presente e se acomodou melhor na cadeira. Soltou um arroto. Era o gim no seu estômago começando a subir.

Os seus olhos voltaram a focar a página. Winston constatou que durante o tempo em que estivera ali sentado em devaneios, sentindo-se só e desamparado, continuara a escrever, numa espécie de ação automática. E já não era mais a letra pequenina e desajeitada de antes. A sua pena deslizara como uma libertina pelo papel macio, escrevendo em letras grandes e nítidas, muitas vezes, preenchendo a metade de uma página:

Abaixo o Grande Irmão
Abaixo o Grande Irmão
Abaixo o Grande Irmão
Abaixo o Grande Irmão
Abaixo o Grande Irmão

Winston não conseguiu deixar de sentir uma pontada de pânico. O que era absurdo, visto que ter escrito aquelas palavras não era nada mais perigoso do que o próprio ato de iniciar um diário; mesmo assim, por um momento ele se sentiu tentado a rasgar as páginas já escritas e abandonar por completo aquela ideia toda.

Não o fez, porém, porque sabia ser algo inútil. Ter escrito ou não “Abaixo o Grande Irmão” não fazia diferença. Prosseguir ou não com aquele diário era totalmente irrelevante. A Polícia do Pensamento o descobriria de um jeito ou de outro. Ele cometera — e teria cometido ainda que não houvesse escrito nada no papel — o crime essencial, que englobava todos os demais dentro de si. Era chamado de pensamento-crime. O pensamento-crime não era algo que pudesse ser ocultado indefinidamente. Seria possível escondê-lo durante algum tempo, às vezes por anos a fio; no entanto, mais cedo ou mais tarde o criminoso sempre era pego.

E era sempre à noite — as prisões invariavelmente ocorriam à noite. A interrupção súbita do sono, a mão bruta sacudindo o ombro, as luzes cegando os olhos, o círculo de rostos impiedosos em torno da cama. Na grande maioria dos casos, não havia julgamento, nem mesmo o registro da prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Os seus nomes eram removidos dos registros, todas as menções a qualquer coisa que tivessem realizado eram apagadas, as suas existências anteriores eram negadas, e logo mais, totalmente esquecidas. Você era abolido, aniquilado: *vaporizado* era o termo corriqueiro.

Por um momento, Winston foi tomado por um ataque de histeria. Assim, foi logo escrevendo, em garranchos apressados:

me darão um tiro que isso me importa me darão um tiro na nuca não me importa abaixo o grande irmão eles sempre atiram na nuca não me importa abaixo o grande irmão...

Ele se recostou outra vez no espaldar, ligeiramente envergonhado de si mesmo, e largou a pena. Logo em seguida, levou um susto imenso. Batiam na sua porta.

“Já?!” Ele permaneceu sentado, imóvel como um rato, esperando que a pessoa fosse embora sem insistir. Mas não, bateram outra vez. Seria ainda pior demorar para atender. Com o coração batendo tal qual um tambor — mas com o rosto provavelmente sem expressão alguma, fruto do velho hábito —, ele se levantou e se dirigiu à porta, pé ante pé.